

O APANHADOR DE ASSOBIOS: COMPARTILHANDO MEMÓRIAS

Projeto de extensão Núcleo de Teatro UFPEL e as transformações do Teatro Poesia em tempos de Pandemia.

BÁRBARA SCOLA LOPES DA CUNHA¹; MANUELA TATIANA GARCIA²; GISELLE MOLON CECCHINI³.

¹ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL - barbarascunha@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas-UFPEL - manu.artescenicas@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL - giselle.cecchini@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o relato e a reflexão sobre o espetáculo “O Apanhador de Assobioss”, baseado em poemas de Manoel de Barros, bem como suas transformações ao longo do processo de criação, as apresentações presenciais e sua reinvenção em tempos de pandemia. O trabalho cênico é uma ação do Núcleo de Teatro da UFPel, projeto estratégico da Universidade Federal de Pelotas, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) e coordenado pela professora Giselle Cecchini. No ano de 2019, “O apanhador de assobioss” foi criado e apresentado pelas bolsistas do Núcleo de Teatro Bárbara Cunha (Cristal Obelar), Manuela Garcia, juntamente com o Ator Thairone Dornelles.

Ao longo do processo que ainda está em andamento, estudamos os conceitos fundamentais da poética. Emil Staiger diz que “o valor dos versos líricos é justamente essa unidade entre a significação das palavras e sua música” (STAIGER, 1975). Mergulhamos neste universo para descobrir as atmosferas da poesia de Manoel de Barros, e para isso lemos a sua *Poesia Completa* (BARROS, 2010). Nosso trabalho de ator/atriz buscou encontrar no corpo e na voz as reverberações das palavras, o descobrimento dos gestos, num processo sensível de encantamento.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDIA, 2002). Experienciar Manoel de Barros durante os oito meses de mergulho nas suas poesias foi uma abertura ao toque das palavras com frequentes descobertas de por onde elas se expressam no corpo, que não somente pela boca. Um encontro com os sabores, texturas, velocidades, melodias que as palavras criam. Bem como um despertar da respiração no meio delas e a escuta das suas pausas como parte significante da atmosfera gerada. A pausa que comunica e ajuda a perceber a música e a dança que é gerada no jogo das palavras. A partir desses signos e dos cruzamentos de diferentes linguagens, encontramos no corpo uma figura poética a qual é atravessada e expressa a potência das palavras e das imagens.

Em 2020, devido ao isolamento social provocado pelo COVID-19, nos vimos impossibilitados de qualquer tipo de encontros presenciais. Aqui lembramos que “teatro é encontro” (GROTOWSKY, 1987). Inspirados novamente pela poesia de Manuel de Barros e com o desejo de nos encontrarmos de alguma maneira, buscamos uma forma de nos reinventar através da ação “Compartilhando memórias”. A atividade se efetiva no resgate da memória e na performance vocal mediatizada na forma audiovisual. Os atores criadores são Bárbara Cunha (Cristal

Obelar), Manuela Garcia e Thairone Dornelles com a direção da professora Giselle Cecchini.

Teatro e poesia sempre andaram de mãos dadas, desde o início do teatro, com a presença do coro. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é retomar, através do corpo e da voz, os caminhos que ligam a literatura e o teatro, bem como explorar novas possibilidades de apresentação em meio à pandemia. Portanto, trazemos como problematização a questão de como seguir fazendo teatro e, mais especificamente, como seguir criando e desdobrando perspectivas do espetáculo “O Apanhador de Assobioss” nesse momento de impossibilidade de encontros ao vivo. Assim, no presente trabalho, expomos o caminho inicial de retomada da criação e exposição a partir das plataformas digitais.

2. METODOLOGIA

O espetáculo “O Apanhador de Assobios” teve seu início de criação em maio de 2019 como a principal ação de extensão do Núcleo de Teatro da UFPel. Os ensaios se deram semanalmente nas segundas e quartas-feiras, em encontros de 3h, dirigidos pelo professor Daniel Furtado e pela professora Giselle Cecchini. Experimentamos os processos de criação que unem poesia e teatro em um encontro com as palavras, os sons, os corpos, as ações e a atmosfera que geravam as poesias de Manoel de Barros.

As apresentações do espetáculo ocorreram entre os meses de novembro e dezembro de 2019 em três escolas públicas de Pelotas, em um evento de lançamento de livro no Alegoria Casa-Bar e em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O espetáculo atingiu tanto adultos, como crianças e jovens estudantes do ensino fundamental e médio. Após as apresentações, os alunos eram estimulados a refletir sobre o que é a poesia e acessar camadas essenciais das palavras, dos sons para diminuir o distanciamento entre a poesia e a vida na cena teatral de modo a instigar o imaginário dos espectadores.

O processo de criação iniciou com os ensaios, mas teve continuidade ao longo das apresentações que também foram fonte de estudo. A cada local um novo público de diferentes faixas etárias e uma diversa disposição espacial para realizar a apresentação. Tivemos a experiência de apresentar durante o dia em espaços fechados com palco, ou abertos no pátio, bem como na atmosfera noturna a céu aberto com o público adulto. Na diversidade dos espaços experimentamos as distintas formas de expressão dos corpos atuantes que se movimentavam em diferentes configurações cênicas, com mais ou menos espaço disponível para as ações. Novas relações com o público foram exploradas. A cada apresentação, reinventamos não somente mundos possíveis, mas também os movimentos dos nossos corpos e a forma de expressar nossa voz de acordo com as condições e o público que cada espaço nos revelou.

Em 2020, com a necessidade de isolamento social devido à Pandemia ocasionada pelo COVID-19, não pudemos dar seguimento às apresentações e enfrentamos essa nova realidade que alterara a base essencial do teatro: o encontro ao vivo. A situação nos fez mais uma vez reinventar os mundos para recriar tanto o espaço de ensaio quanto o de apresentação. O mundo transformado nos levou a outra possibilidade de encontro, e quiçá única, neste momento: a atmosfera virtual.

No processo de reinvenção do espetáculo “O Apanhador de Assobioss”, desenvolvemos a ação “Compartilhando Memórias” que se deu pela criação de vídeos com fotos das apresentações realizadas em 2019 e gravações das poesias que compunham o espetáculo pelas vozes das bolsistas Bárbara Cunha e Manuela Garcia, orientadas remotamente pela professora Giselle Cecchini, na tentativa de recriar virtualmente esse universo que já vínhamos reinventando quando ainda havia a possibilidade de contato ao vivo. O projeto foi divulgado no canal do Youtube do Núcleo de Teatro, bem como na sua página do Facebook. Como disse Manoel, “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê: é preciso transver o mundo” (BARROS, 2010). “Compartilhando Memórias” traz através do audiovisual a possibilidade de afetar pelo resgate da memória transposta desde a realidade atual transformada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Se em 2019 criávamos atmosferas a partir das ações físicas, da gestualidade, do canto, da manipulação de objetos cênicos, agora, em meio à pandemia, estamos trabalhando com ênfase na vocalidade, na voz que conduz aos espaços imaginários, suas generosas pronúncias e diferentes entonações. Ao longo do atual processo de criação que vem se desenvolvendo, nos deparamos com a descoberta, ou redescoberta, da nossa própria voz, que agora, mediatisada, nos surpreende e revela-se a nós mesmos. Nossas vozes agora são captadas por um celular, um gravador. Há uma mídia entre ator e espectador. Esse meio de comunicação acaba gerando efeito de ampliação do detalhe. Todo o fazer está focado na vocalização e o estímulo chega unicamente das palavras e do canto e não mais de um acompanhamento de gestualidade que também gera diferentes tipos de vozes.

Percebemos que não apenas criamos diferentes formas de fazer chegar ao espectador a poesia de Manoel de Barros, mas também que, o ambiente transformado de ensaio e apresentação gerou nas atrizes um novo ver do corpo e da voz. Se antes se atingia uma voz mais aguda e demorada ao declarar uma frase enquanto se abria o peito e os braços como quem se encosta em uma árvore, agora essa expressão encontra estímulo em um corpo que está se direcionando a um dispositivo eletrônico e não mais a um espectador. Agora, sem as ações físicas e a movimentação de cena, que antes gerava espontaneamente diferentes espectros de entonação, nos empenhamos nas ações vocais, sempre matizando as técnicas próprias para performar vocalmente.

4. CONCLUSÕES

Segundo Manoel de Barros, “tudo o que não invento é falso” (BARROS,2010). A aproximação de sua poesia leva nosso olhar e nosso imaginário ao essencial, ao inútil, ao simples e orgânico, voltamos ao universo da infância onde se recria a possibilidade de “desinventar” e reinventar mundos. A sonoridade das palavras, a potência imagética que traz a poesia de Manoel de Barros, favorece a percepção do instante, da presença, da curiosidade pelo óbvio e banal. Viver esses caminhos nos proporcionou o descobrimento de mundos possíveis da poesia transposta para a



cena teatral, encontrando nela um diálogo claro com a literatura. Além disso, estamos vivendo o começo da redescoberta do fazer teatral num momento histórico e social que altera a essência do teatro que é o encontro ao vivo, o que demanda mais estudos e experimentações para reinventá-lo. Fato é que seguiremos fazendo teatro e recriando mundos através dele. “Compartilhando Memórias” é nossa ação estratégica para manter a poesia de Manoel de Barros sendo compartilhada, utilizando a voz como principal dispositivo para se gerar uma atmosfera em meio às criações audiovisuais.

Vislumbramos levar o ato de compartilhar memórias como um experimento estético para seguir conduzindo o espectador pelos atravessamentos que a poesia de Manoel de Barros nos trouxe ao longo de todo o processo de criação, abrindo a possibilidade de um afetar mais sensível e presente no momento de pandemia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Ed. Leya. BEY, Hakin, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **“Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência”**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Tradução de Aldomar Conrado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.